

Minha  
fuga da  
Arábia  
Saudita  
para a  
Liberdade

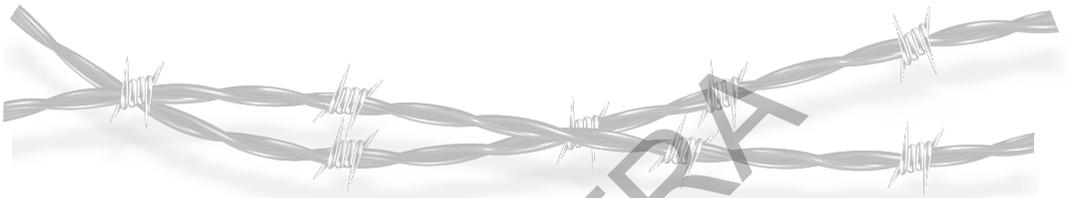
# REBELDIA

Rahaf Mohammed



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2022

# Sumário



CAPÍTULO UM: Em Fuga .....	1
CAPÍTULO DOIS: Menina .....	29
CAPÍTULO TRÊS: Ordens Sagradas .....	73
CAPÍTULO QUATRO: Duras Verdades .....	117
CAPÍTULO CINCO: Códigos Secretos .....	167
CAPÍTULO SEIS: Libertação .....	219
CAPÍTULO SETE: Vitórias e Consequências .....	269
ENCERRAMENTO .....	297
NOTAS .....	301

CAPÍTULO UM

# Em Fuga

31 DE DEZEMBRO DE 2018



**T**udo o que havia entre mim e a liberdade era um trajeto de carro. Aguardei por mais de um ano, esperando o momento certo para escapar. Eu tinha dezoito anos e morria de medo de que meus planos cuidadosamente traçados saíssem pela culatra. Porém, meu coração transbordava rebeldia contra o medo constante, contra as regras cruéis e contra os costumes antiquados que reprimem e, às vezes, matam garotas como eu na Arábia Saudita. E imaginar uma vida distante de tudo isso só fazia com que esse sentimento se exacerbasse.

Eu tinha meu celular, mas meu passaporte estava com meu irmão mais velho. Pegá-lo e escondê-lo para que estivesse à disposição quando chegasse a hora de fugir era essencial. Eu estava tentando manter a calma, tentando parecer a filha obediente que faz as malas para um feriado, tentando apaziguar

as ondas de ansiedade enquanto observava, do meu quarto, a família se organizar para partir e, depois, se reunir para o almoço antes de viajar para o Kuwait.

Iríamos à Cidade do Kuwait, a dez horas de carro de nossa casa em Ha'il, para visitar parentes por uma semana de férias em família. Era a minha oportunidade de executar meu plano. Sentada ali, observando meus irmãos carregarem o carro com as malas, senti uma mistura de tristeza e euforia. Eu estava dividida entre a vontade de abraçá-los — algo proibido, por ser considerado um ato sexual — e a esperança de que nada atrapalhasse minha fuga.

As paredes do quarto ao meu redor estavam vazias, sem nada que indicasse que uma jovem o habitava. Nessa sociedade rígida, não era *halal* — permitido — ter sinais de vida na parede de seu quarto. O antônimo é *haram* — proibido. Lembro-me de quando eu era criança e o ursinho de pelúcia que ficava em minha cama foi tirado de mim porque era *haram* — apenas o Profeta pode ser imaginado em uma foto ou forma. Os desenhos que fiz de pessoas e animais foram confiscados, pois tudo que tem alma é visto como antagônico ao Profeta e, portanto, *haram*. Meus livros e cadernos estavam espalhados, recordando-me de que meu primeiro semestre na Universidade de Ha'il havia acabado e eu não voltaria. Sentei-me em minha

cama, contemplando minha vida como a garota saudita que amava a família, mas não conseguia suportar a devoção ao mantra “proibido para garotas”; como a filha e a irmã rebelde sendo obrigada a fugir graças a uma mistura tóxica de contradições culturais.

Na escola, aprendi que a Arábia Saudita é invejada pelo mundo; o melhor e mais rico país, com a maior reserva de petróleo; um lugar que exige que seu povo faça o *hajj*, uma peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida para renovar o senso de propósito no mundo. Mesmo quando jovem, eu me perguntava por que o petróleo, os resorts e os caminhos sagrados faziam da Arábia Saudita o país em que todo mundo queria viver. E sempre me incomodou que uma pessoa pudesse fazer o *hajj* e ser perdoada por todas as suas ações em vida, mesmo se batesse na esposa ou matasse um estranho.

Meus olhos de criança se deleitaram com outros aspectos da Arábia Saudita: as montanhas perto de nossa casa que nos atraíam para fazer piqueniques e caminhar à vontade; os vastos desertos em constante mudança que nunca deixavam de capturar minha imaginação com suas dunas de areia ondulantes, que, conforme o sol nascia e se punha, mudavam de cor — de bege-marfim para vermelho-fogo. Quando minha família ia até o deserto à noite, geralmente para fugir do

calor sufocante do verão, brincávamos de esconde-esconde no escuro, nos esforçando para andar na areia fofa, perseguindo coelhos, jerboas (roedores do deserto) e uns aos outros, sem nenhuma preocupação. Apostávamos corridas e, claro, o vencedor ganhava um prêmio. Cantávamos canções, recitávamos poemas e dançávamos a dança tradicional chamada Ardah, que é para homens, mas acompanhávamos nossos irmãos por diversão. E nossos pais sempre contavam histórias diferentes das que ouvíamos na escola. Algumas eram sobre a família Al Rasheed, que governava a região antes de a família Saud assassiná-la e assumir o poder; outras eram sobre a história de nosso povo e a capacidade dos beduínos nômades de subsistir no deserto com poucos alimentos e viver com simplicidade. Porém, as histórias de que mais gostávamos eram aquelas que nossos pais costumavam nos contar sobre o amor, sobre quando eram jovens. Compartilhar velhas histórias é como o elo que mantém uma família unida; nunca nos cansávamos de ouvir sobre o passado. Agora sei que estávamos criando memórias preciosas.

Entretanto, desde a infância, eu estava ciente das muitas contradições em minha terra natal. Enquanto a paisagem é principalmente composta de tons de bege e branco, com manchas verdes próximas a um oásis e montanhas com afloramentos rochosos e árvores, as cores suaves da Arábia Saudita

são fortemente contrastadas pela visão de algo que lembra sacos pretos de cadáver se movendo pelo caminho. Mulheres e meninas com mais de doze anos estão cobertas, para evitar que os homens contemplem suas formas corporais. Na verdade, na minha família, aos nove anos de idade, eu tinha que usar uma *abaya* — peça de roupa preta larga e colocada sobre os ombros para cobrir o corpo — e, na tenra idade de doze anos, um *niqab*, que é como uma máscara que expõe apenas os olhos. Eu era uma menina quando comecei a me perguntar se isso era uma forma de punição. Se um homem não consegue se controlar, por que uma mulher deve se esconder sob mantos como se fosse sua culpa? E, se as mulheres precisam estar cobertas, por que os homens que não vestem jeans e roupas ocidentais usam túnicas brancas, que repelem o calor escaldante, enquanto as mulheres devem usar preto, que o absorve?

Mais da metade da população de 33,4 milhões tem menos de 25 anos, o que considero um bom presságio de mudança. Mas, embora os governantes do Reino — que afirmam agir em nome de Deus — tenham declarado algumas mudanças nas rígidas regras islâmicas sob as quais os sauditas vivem e clamam por tolerância e moderação, eles ainda crucificam, decapitam e torturam qualquer um que discorde do governo. A mutaween — também conhecida como polícia religiosa — patrulha as ruas, até mesmo as universidades, supostamente

garantindo que os cidadãos “desfrutem do bem e coíbam o mal”, o que significa que as lojas fecham cinco vezes por dia durante as orações, os códigos de vestimenta para mulheres são rigorosamente cumpridos e a separação entre homens e mulheres é fanaticamente respeitada, assim como a proibição do álcool. Na verdade, muitas pessoas, de fato, não oram; as garotas encontram seus namorados em lugares secretos e muitos consomem álcool às escondidas. Uma vez que 90% da força de trabalho é composta de estrangeiros — os sauditas não desempenham funções consideradas de “baixo escalão” —, se você sai furtivamente para se encontrar com seus amigos, o indiano ou o afegão que trabalha no café não o denunciara, nem sequer entenderá seu idioma. A maioria dos sauditas empregados trabalha para o governo — os homens cochilam à tarde e costumam se reunir por volta das 17h para socializar até bem depois da meia-noite.

Minha família é composta de muçulmanos sunitas da tribo Al-Shammari, que governava a região de Ha'il até que a tribo Saud assumiu o controle. Ha'il é a capital dessa região noroeste. É a parte mais conservadora da Arábia Saudita e seu povo é conhecido por sua generosidade, motivo pelo qual nossa casa costuma estar aberta a outras pessoas que aparecem para tomar um café ou desfrutar de uma refeição. Minha família faz parte da elite: moramos em Salah Aldin, a parte rica da cidade,

onde não há lojas, apenas residências. Nossa casa é grande, com nove quartos, duas cozinhas (uma no primeiro andar para preparar refeições, outra no segundo andar para petiscar), dez banheiros, seis salas de estar e um pequeno jardim. Temos uma cozinheira, um motorista e uma governanta, além de seis carros da família; o que está esperando na garagem para nos levar ao Kuwait é uma Mercedes preta. Minha família também tem privilégios e muitas vantagens, como a possibilidade de tirar férias em outros Estados árabes — Jordânia, Catar, Bahrein, Emirados Árabes Unidos e Turquia.

Porém, quando penso nos aspectos que poderiam alimentar minha alma, há muitos deles ausentes. Considere o seguinte: não há sacadas em nossa casa — uma mulher de respeito jamais se sentaria do lado de fora, onde alguém pudesse vê-la. E nossas janelas ficam fechadas para que um homem não veja as mulheres lá dentro. Uma mulher — ou seja, qualquer garota com mais de nove anos — não pode sair para visitar os vizinhos, ir ao bazar, nem que seja para comprar lingerie e maquiagem, nem passear sem marido, irmão ou filho para monitorá-la. Somos proibidas de ir ao cinema, mas assistimos a filmes norte-americanos em nossos computadores. A conversão de muçulmanos a outra religião é ilegal. Os ateus são designados como terroristas; as feministas também. A homossexualidade é punível com morte. O casamento entre primos

é a norma; na verdade, tantos sauditas se casaram com suas primas que conselheiros genéticos estão tentando convencer as pessoas a parar, já que há aumentos consideráveis de diferentes doenças genéticas graves. Ter várias esposas também é comum, e um homem pode se divorciar simplesmente ao repetir “Eu me divorcio de você” três vezes — conhecido como “triplo talaq”.

Esses são os ingredientes de um país tribal que faz as próprias leis e desafia o mundo exterior. É um país de tanta hipocrisia que, embora a religião governe tudo — a educação, o sistema judicial, o governo —, 95% dos edifícios históricos de Meca, a maioria deles com mais de mil anos, foram demolidos devido ao medo fanático de que desviassem a atenção do Profeta. Mesmo aqueles relacionados à família de Muhammad foram destruídos. E, embora a maioria das mulheres se vista com os tais sacos pretos de cadáver, as âncoras do noticiário da emissora de TV da família real usam roupas ocidentais. É tudo fachada. Enganação é o nome do jogo na Arábia Saudita.

No meu país, os homens são tudo. São os tomadores de decisão, os detentores do poder, os guardiões das chaves religiosas e culturais. As mulheres, por sua vez, são rejeitadas, intimidadas e servem como objetos da distorcida obsessão masculina pela pureza. É um castelo de cartas complexo e tortuoso que corre o risco de desmoronar perante a verdade.

Meu pai, Mohammed Mutlaq al Qunun, é um dos líderes sauditas por ser governador de Al Sulaimi, uma cidade a cerca de 180km de Ha'il. Em seu trabalho, ele interage com a família real. Não mora conosco. Quando eu tinha quatorze anos, casou-se com uma segunda esposa, o que é legal na Arábia Saudita, e, quando eu tinha dezessete, juntou-se à terceira. Isso mudou tudo para mim, minha mãe e meus seis irmãos. Meu pai parou de viajar conosco nos feriados e minha mãe, Lulu, ficou tão deprimida, magoada e se sentindo totalmente rejeitada que até sua personalidade se alterou. Em sua opinião, meu pai se casara com outras esposas porque, à medida que ela envelhecia, ele queria mulheres mais jovens. Minha mãe tinha razão.

Por esse motivo, seríamos apenas eu, meus irmãos e minha mãe nesse feriado. Eu sou a quinta filha de sete. Uma irmã mais velha, Lamia, é casada, e a segunda mais velha, Reem, não pôde nos acompanhar dessa vez. Então, éramos seis no carro — Majed sentou-se na frente, ao lado do meu irmão mais velho, Mutlaq, que estava dirigindo; mamãe e eu nos esprememos no banco de trás com meu irmão mais novo, Fahad, e minha irmã mais nova, Joud. Tive de me sentar no meio porque, embora estivesse usando a *abaya* e também o *niqab*, não podia ser vista pelas janelas do carro. Acabei tendo uma visão privilegiada de onde meu irmão guardara os pas-

saportes, o que facilitaria minha tentativa ousada de pegar o meu quando ele estivesse distraído.

Assim que descemos até a garagem e entramos no carro, meu pai apareceu para se despedir e distribuir o dinheiro do feriado. Eu já estava acomodada em meu lugar. Seu grande sorriso é caloroso, tão envolvente que facilmente encanta as pessoas. O *niqab* cobrindo meu rosto acabou sendo vantajoso, pois, embora eu retribuísse o sorriso, ele teria percebido minha tristeza quando o olhei pela última vez. Meus sentimentos paternos são confusos. Meu pai me tratou muito mal e fez coisas terríveis com minha irmã e minha mãe, mas, de alguma forma, ainda o amo. Senti que estava sendo impelida a fugir pelo que ele e até minha mãe — e certamente meus irmãos — esperavam de mim. Exigiam sacrifícios que eu simplesmente não podia fazer. Quando cortei o cabelo, trancaram-me em um quarto até encontrarem uma desculpa para o meu visual. Por fim, fizeram-me usar um turbante para esconder o novo cabelo, contando a todos que um acidente com fogo me obrigara a cortá-lo. Sair de casa sem o *niqab* cobrindo o rosto é uma ofensa que exige punição severa, e foi o que recebi — socos, chutes e tapas. Eu sabia que, se descobrissem que tive experiências sexuais com um homem, me matariam por uma questão de honra. Ou, pelo menos, me forçariam a casar com um desconhecido. Eu precisava ir embora, do contrário, não

poderia viver minha própria vida e teria que pagar com a morte por qualquer erro que cometesse. Para mim, essa viagem era o primeiro dia de uma nova vida, esperada desde que implorei pelo direito de frequentar uma universidade em outra cidade — um pedido categoricamente recusado. Essa era a minha chance de evitar a mesma vida aprisionada de minha mãe e irmãs mais velhas.

Quando o carro se afastou do único lar que conheci, não olhei para trás. Porém, quando saímos do bairro e fomos em direção à rodovia, não pude deixar de ver as montanhas Aja e Salma a distância, símbolos de felicidade e tragédia que ainda me acompanham. Ha'il é cercada por montanhas, mas essas duas, na parte norte da cidade, estão entre as maiores e mais famosas da região. São bem conhecidas por todos ali como o local de uma história de amor. Aja, da tribo dos amalequitas, se apaixonou por Salma, que pertencia a outra tribo. Eles declararam seu amor um ao outro, mas os pais proibiram que se casassem. Infelizmente, os amantes desafortunados fugiram juntos apenas para serem capturados e mortos por suas famílias. Aja foi crucificado em uma montanha e Salma na outra. Quando criança, eu sabia que a história contada era tanto de advertência quanto de amor.

A reflexão sobre aqueles dias nas montanhas não durou muito, pois quase imediatamente fui consumida pela necessidade de descobrir como pegar meu passaporte. Observei meu irmão Mutlaq enquanto ele entrava no carro. Eu sabia que estava com todos os passaportes — nessa viagem, seu papel como homem mais velho era resguardar os documentos importantes. Ele costumava deixá-los no bolso devido ao medo de que fossem roubados; mas, dessa vez, todos relaxaram, pois estávamos juntos no carro para visitar a família no Kuwait. Desde o momento em que se sentou no banco do motorista, não tirei os olhos dele. Então eu o vi colocar os documentos no porta-luvas. Além do passaporte, eu estava preocupada que, de alguma forma, pudesse perder meu celular, que alguém pedisse para usá-lo e depois não me devolvesse. Cada passo do meu plano estava anotado com um codinome no aparelho, incluindo como reservar um voo; entrar em determinados sites; ir do Kuwait à Tailândia; o que fazer e onde ficar na Tailândia; e como reservar um voo de lá para a Austrália, o destino planejado, onde pretendia pedir asilo. No celular também havia os contatos de meus amigos fugitivos. Nós nos comunicávamos há mais de um ano e eles estavam em várias partes do mundo — Alemanha, França, Reino Unido, Canadá, Suécia e Austrália. Recebi e acatei muitos de seus conselhos sobre como evitar armadilhas; por exemplo, garotas sauditas que chegam

à Austrália e são instadas a ligar para os pais por autoridades que não querem imigrantes no país. Por conta disso, peguei o nome e o telefone de um amigo no Reino Unido caso precisasse fazer essa ligação. Todos os tipos de dicas para vários problemas em potencial estavam armazenados no meu celular. Eu também guardei dinheiro, cerca de 10 mil riais sauditas (US\$2.700), na conta bancária de um amigo. Economizei por cerca de sete meses e tinha a senha da conta. Meu plano era ir para o Kuwait com a família e, assim que pegasse meu passaporte, fugir, chegar ao aeroporto, comprar passagem para a Tailândia e fazer conexão até a Austrália. Eu tinha amigos lá que me encontrariam no desembarque.

À meia-noite cruzamos a fronteira com o Kuwait. A temperatura havia caído para cerca de 7°C ou 8°C quando chegamos ao hotel. Eu estava tremendo, mas sabia muito bem que era mais de medo do que de frio. Eram 2h quando entramos em nossa suíte. Eu ainda não estava com meu passaporte, pois não tive oportunidade de pegá-lo. Analisei a suíte do hotel — dois quartos (um para meus irmãos, outro para minha irmã, minha mãe e eu), um banheiro e uma sala de estar adjacente. Sabia que era o lugar de onde eu iria embora, mas estar com minha mãe no mesmo quarto traria problemas, pois ela tem o sono leve e acordaria se eu fizesse barulho durante a noite. Então, sugeri que ela dormisse na sala de estar. Dei a desculpa

de que o quarto era pequeno e tinha apenas uma cama grande para nós três; ela concordou que seria melhor.

O feriado foi angustiante. Tive que fingir uma participação nas compras, nas refeições e nas visitas quando, na verdade, observava e esperava a melhor chance de escapar. Passamos vários dias em lojas de roupas do shopping, onde comprei uma saia curta sem que ninguém soubesse e enfiei na bolsa. Em casa, era proibido usar roupas que mostrassem minhas pernas, mas eu planejava usá-las em breve na Austrália. E ter essa peça na minha bolsa era como um incentivo para a minha fuga iminente. Também fomos à praia, uma experiência nova para mim, uma experiência que reforçou meus sentimentos sobre os sacrifícios que uma mulher tem que fazer na Arábia Saudita. Minha mãe me disse que as mulheres de maiô que estavam entrando na água eram vadias — garotas más. Eu sabia que não era verdade. Como poderia ser permitido que os meninos — meus irmãos — brincassem no mar, nadassem, jogassem água um no outro, se refrescassem, se divertissem, e, de alguma forma, fosse pecaminoso que eu fizesse o mesmo? Eu estava presa na praia, enrolada da cabeça aos pés em minha *abaya*, suando e jurando que, assim que chegasse à Austrália, compraria um biquíni e nadaria o quanto quisesse. Na verdade, não sei nadar — de onde venho, as meninas não aprendem a fazer nada parecido.

Estar naquela praia foi um tipo diferente de experiência reveladora. Eu nunca tinha visto o mar, a maré, com sua correnteza e ondas quebrando. Fiquei hipnotizada — a maré alta, a cor azul do mar longínquo e a espuma branca das ondas à medida que se aproximavam da costa. Durante o dia todo, as ondas alcançavam a praia e retornavam ao mar. Havia algo duradouro, quase espiritual, nesse movimento, como se fosse um ritual à beira-mar. Para mim, era um contraste extremamente poderoso estar envolta em uma suposta proteção e espreitar, por trás de um disfarce, todo esse esplendor natural.

Tínhamos apenas um dia de férias restante quando finalmente identifiquei a oportunidade de pegar meu passaporte. Era 4 de janeiro, 14h; eu, minha mãe e minha irmã mais nova estávamos no banco de trás do carro, esperando meu irmão reservar uma mesa para nós no restaurante. Os outros dois meninos o acompanharam. Era minha chance. O banco da frente estava vazio. Direcionei-me ao porta-luvas e imediatamente minha mãe inquiriu: “O que você quer?” O encosto do assento impedia sua visão. Eu ainda estava no meio do processo, mas, dessa vez, cedi às repressivas regras e respondi calmamente: “Estou tentando carregar meu celular.” Abri o porta-luvas, peguei meu passaporte com a mão direita e enfiei na manga esquerda da minha *abaya*. Então, retraí a mão direita bem devagar, levantando o braço esquerdo para que o